

## Os quimonos de Fernanda Yamamoto sob o olhar fabulado de Rogério Ortiz

Christine Greiner<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-6778-516X>

A primeira decisão parecia óbvia: trabalhar com os negócios da família (Catálogos Hiroshima) e cursar administração de empresas na Fundação Getúlio Vargas. Mas logo no início dos anos 2000, Fernanda Yamamoto iniciou sua marca, abrindo um primeiro ateliê na Bela Vista e, em 2009, um novo ateliê e loja no bairro da Vila Madalena, em São Paulo.

Depois de vários cursos livres, aperfeiçoou os estudos na *Parsons School of Art and Design*, em Nova Iorque e, ao voltar para o Brasil, começou a participar de vários projetos conduzidos pelo professor, designer e diretor de criação Jum Nakao.

Jum havia revolucionado a moda e os desfiles de moda no Brasil, desde 2004, com o seu desfile-acontecimento-livro *A Costura do Invisível*. As modelos desfilaram com roupas de papel (uma empreitada que levou 700 horas de trabalho para costurar de modo personalizado cada vestido) e, ao final, tudo foi rasgado, entre muitas lágrimas. Jum trouxe à cena e aos corpos a questão da impermanência, tão cara à cultura japonesa.

No caso de Fernanda, o Japão e a estética japonesa entraram em sua vida de maneira sorrateira, quase imperceptível. Não foi uma escolha deliberada como costuma ocorrer com alguns filhos e netos de imigrantes. É como se as suas mãos soubessem mais dos traços culturais do que sua mente - até então, absolutamente despreocupada com origens e raízes. De certa forma, era o olhar dos outros que parecia identificar em suas criações um traço da herança cultural.

Foi depois da primeira viagem ao Japão no final dos anos 1990, sem falar a língua e sem planos profissionais, que algo inespecífico e encantador desabrochou. Havia uma empatia e, de alguma forma, naquele arquipélago familiar-estrangeiro, tudo parecia fazer sentido.

Nos anos seguintes, foram muitas as viagens ao Japão e, aos poucos, surgiram novas redes e parcerias, tanto lá, quanto no Brasil. Um momento marcante foi quando Fernanda foi uma das escolhidas no concurso *Shinmai Creator's Project* para *Japan Fashion Week*, ao lado de dois estilistas japoneses. Apesar do desfile não ter acontecido por conta da tragédia de Fukushima em 2011, o reconhecimento foi fundamental e os projetos internacionais começaram a aparecer, sobretudo na Europa.

---

<sup>1</sup> Professora livre-docente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde ensina no Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica e no curso de graduação em Artes do Corpo. É diretora do Centro de Estudos Orientais. <http://lattes.cnpq.br/8331762292364125>

No entanto, é importante observar que para a sua pesquisa, as conexões com a cultura brasileira nunca foram negligenciadas, como foi o caso do projeto *Histórias Rendadas* no Cariri Paraibano, onde colaborou pela primeira vez com o fotógrafo Rogerio Ortiz<sup>2</sup>. No Cariri, o tempo do artesanato e da natureza impunham o seu próprio ritmo. Em certos lugares, é assim mesmo, a vida transita na sua própria pulsação e o processo de criação acaba seguindo o fluxo dos acontecimentos. Não há espaço para *fast fashion* nesses circuitos. E muito menos no ateliê de Fernanda Yamamoto.

O editorial que escolhemos para esta edição da dObras] fortalece esta visão especial da moda, assim como, a parceria com Rogério, trazendo a coleção criada por Fernanda com inspiração em um dos itens de vestuário mais importantes do Japão: o quimono.

De certa forma, o quimono está presente no imaginário Ocidental como o traje mais tradicional japonês. Mas para a sua coleção, Fernanda optou por uma fabulação do Japão no Brasil: a comunidade Yuba.

A *Associação Comunidade Yuba* foi criada por Isamu Yuba (1906-1976) em 1935. Inspirado pelas obras de Tolstói e Rousseau, o imigrante criou uma comunidade autossustentável a 600 km de São Paulo, nos arredores de Mirandópolis. Trata-se de um coletivo onde o dinheiro não circula e o trabalho está aliado à arte, sem hierarquias, o que nos faz pensar em questões como valor e criação.

As dançarinas Akiko Ohara (que iniciou seus estudos em dança em Tóquio na famosa Academia Ando) e sua filha Aya Ohara são algumas das artistas responsáveis pela sobrevivência e vitalidade da comunidade Yuba. Os residentes costumam acordar ao nascer do sol, trabalhar na roça e em outras atividades domésticas e, no final do dia, sempre se dedicam a alguma ação artística (dança, teatro, música e assim por diante).

O trabalho de pesquisa da equipe de Fernanda na Yuba, estendeu-se por dois anos e várias visitas à comunidade.

Em seu site (<https://www.fernandayamamoto.com.br>), Fernanda conta que ficou muito tocada com a relação entre a roça e a arte, que nem sempre é evidente, mas na Yuba uma atividade influencia a outra: “A delicadeza com que se toca um instrumento é levada em conta na hora de tratar um alimento. Da mesma forma, o peso do trabalho braçal é suavizado com a sutileza das artes”.

Essa impressão também foi traduzida na passarela por meio de tecidos com texturas diferentes e tonalidades que remetiam à terra, gerando um desfile inesquecível na SPFW em 2018.

As peças originais da Yuba tinham por base três formas: círculo, triângulo e quadrilátero. Os tecidos também variavam entre organza, gazar, shantung, viscose, algodão e malha block. As cores alternavam-se entre tons terrosos quentes e frios.

A inspiração da coleção veio totalmente do espírito da Yuba. Por exemplo, na decisão de usar a técnica *shibori* que faz tingimentos a partir da costura e de amarrações. Os pigmentos naturais utilizados também foram criados especialmente a partir de produtos naturais.

<sup>2</sup> Rogério Ortiz é doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP onde defendeu a tese de doutorado intitulada *Fotografia e audiovisual de moda: espaços de convívio e ativações de cospósmidia para além das mídias* (2022).

Por exemplo: cúrcuma (amarelo), urucum com flor de cosmos (laranja queimado), casca de cebola amarela (terracota), sementes de avocato (rosé e rosé queimado), repolho roxo (lilás e verde petróleo), arroz negro (violeta, tabaco, cinza azulado), feijão preto (lavanda, cinza, violeta, cinza chumbo, azul noite, azul petróleo, azul oceano), carvão (cinza e prata), spirulina (verde água), entre muitas outras tonalidades.

Todas as cores foram criadas por processos de tingimento natural e usando boa parte dos produtos colhidos na Yuba como urucum, folha de caju, casca de cebola e flor de cosmos. Outros produtos usados foram preferencialmente aqueles que poderiam ser aproveitados depois como o feijão que virou uma bela feijoada.

Claudia Fujita assinou o tingimento deste trabalho, com a ajuda de colaboradoras como a pesquisadora Marina Stuginski. Maria Fernanda Sodré criou oxfords e botas. Anne Galante, tricôs de algodão em obis, faixas, bolsos, toucas e aventais. Cristina Matsuzaki e Magda Catapani criaram cerâmicas associadas às formas geométricas da coleção depois transformadas em bordados por Gabriel Pesagno. Os retalhos de tecido foram transformados em casacos de tricô pela designer Susana Fernandez.

É importante notar que, durante o desfile, participaram vários moradores da Yuba, artistas, bailarinos, músicos, atrizes e modelos. A diversidade de corpos, rostos e experiências parece ter sido a marca de todo o processo. Assim como o ziguezague por eixos temporais entre passado, presente e futuro.

No caso dos quimonos, há sempre uma viagem no tempo. Além das idas e vindas para a comunidade Yuba, há também uma viagem pela tradição nipônica, que faz parte da própria história da família de Fernanda e da Yuba.

Nunca se tratou de reproduzir literalmente os quimonos tradicionais, mas sim, de repensá-los a partir das materialidades usadas na comunidade Yuba que contam também suas próprias histórias. O contato com Iwanoto Kisaburo, designer de quimonos que tem subvertido as fronteiras entre Japão e Ocidente, assim como entre gêneros (seus quimonos são todos transgêneros), foi fundamental para aprofundar as reflexões. Iwanoto chegou a oferecer uma oficina no ateliê de Fernanda. Assim como o contato com pesquisadoras brasileiras como Silvia Sasaoka, doutoranda em design pela Faculdade de Arte e Arquitetura da Unesp de Bauru, cuja pesquisa tem sido voltada ao bambu.

Pesquisando e conversando com Fernanda, acabei me lembrando de quando eu mesma comecei a estudar a cultura japonesa com o poeta Haroldo de Campos, que foi meu professor na PUC-SP na década de 1980. Em um dos seus livros, Haroldo aproximava o quimono do tradicional teatro nô japonês, com os parangolés de Helio Oiticica. Assim como o parangolé não era uma capa para ser vestida por um ator ou dançarino, o quimono do ator de nô não era uma veste. Em ambos os casos, a roupa era reinventada a cada corpo pelo movimento.

É o que testemunhamos nas fotografias criadas por Rogerio Ortiz e as pessoas incríveis que aceitaram vestir os quimonos. O mesmo quimono em outros corpos, ganha novos movimentos e significados.

Fernanda e sua equipe também já demonstraram uma vasta experiência em ressignificar as vestes, customizando-as para os clientes. No caso dos quimonos, a tradição foi ressignificada ao conectar o Japão tradicional com os saberes locais da Yuba. Como explicou Aya Ohara, os panos do quimono são costurados juntos criando uma linha ao longo da coluna. Tradicionalmente, esta costura tinha o poder de impedir que os demônios chegassem por trás. Vale assistir na íntegra o filme onde aparecem este e outros depoimentos acompanhados de imagens incríveis acerca da pesquisa de Fernanda na Yuba.

Este documentário de cerca de 30 minutos chama-se *Yama: Fernanda Yamamoto e a Comunidade Yuba*<sup>3</sup>.

O ensaio fotográfico, os filmes documentários, os próprios quimonos, as exposições, o desfile e os traços que deixaram no ateliê da Vila Madalena são, afinal, muito mais do que uma coleção.

O que insiste na experiência comunitária de Fernanda Yamamoto é a paixão pelo cuidado, a escuta para o outro, a vida que, enfim, se fortalece quando se sonha junto.

---

<sup>3</sup> Disponível no endereço: [https://youtu.be/JYZtXTYT9\\_M](https://youtu.be/JYZtXTYT9_M) Acesso em: 9 de março de 2023.